



13^a REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2654 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)
GT 12 - Currículo

VOOS INICIAIS SOBRE A EXPERIÊNCIA DA DOCÊNCIA MILITANTE

Patrícia Karla Soares Santos Dorotéo - PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPEMIG

voos iniciais sobre a experiência da docência militante

Resumo:

O artigo apresenta os voos iniciais de uma pesquisa de doutorado em curso. Nos limites desse texto, o interesse recai em apontar as práticas de jovens professores, em sua militância e em sua docência, que nos permitam pensar em uma experiência da docência militante. Recorre-se a teorização foucaultiana a fim de delimitar o conceito de experiência como aquele que considera o sujeito professor em relação com o outro, com o saber e consigo mesmo. Conceito que, a nosso ver, permite a aproximação dos modos de subjetividades com o campo dos estudos curriculares. Para responder as questões de pesquisa, foi feita uma netnografia na rede social *facebook* de duas professoras militantes. Nos rastros da militância e do currículo dessas professoras, encontramos uma experiência de luta, de combatividade, de resistência.

Palavras-chave: Experiência da docência; militância; currículo e subjetividades.

voos iniciais sobre a experiência da docência militante

Resumo:

O artigo apresenta os voos iniciais de uma pesquisa de doutorado em curso. Nos limites desse texto, o interesse recai em apontar as práticas de jovens professores, em sua militância e em sua docência, que nos permitam pensar em uma experiência da docência militante. Recorre-se a teorização foucaultiana a fim de delimitar o conceito de experiência como aquele que considera o sujeito professor em relação com o outro, com o saber e consigo mesmo. Conceito que, a nosso ver, permite a aproximação dos modos de subjetividades com o campo dos estudos curriculares. Para responder as questões de pesquisa, foi feita uma netnografia na rede social *facebook* de duas professoras militantes. Nos rastros da militância e do currículo dessas professoras, encontramos uma experiência de luta, de combatividade, de resistência.

Palavras-chave: Experiência da docência; militância; currículo e subjetividades.

Esse artigo apresenta os voos iniciais de uma pesquisa de doutorado em curso, interessada em compreender a constituição do discurso e da experiência de jovens professores militantes, na atualidade. A militância, que produz subjetividades, é aqui interpelada por meio das práticas, que, por sua vez, constituem modos de ser militante, modos de ser professor, modos de operar currículos.

Tomamos como ponto de partida o cenário atual, no qual a descrença com o modelo institucionalizado pelo sindicato tem fornecido elementos para o que alguns autores caracterizam como crise do modelo sindical (OTRANO, 2000; CARDOSO, 2015). Por outro lado, os últimos anos têm como característica o retorno das manifestações de rua no Brasil, com movimentos de múltiplas pautas. Junto a Gohn (2015), podemos considerar as jornadas de junho de 2013 como um importante marco desse retorno. Nas jornadas, encontramos manifestantes que diziam-se independentes de sindicatos e partidos políticos, cuja organização deu-se, em grande parte, com a dinamização da tecnologia digital (CASTELS, 2013). Nessas manifestações, o que pudemos ver foi uma profusão de jovens, que, a partir do domínio das ferramentas tecnológicas, e com chamadas insistentes por meio de *hashtags*, conseguiram arregimentar pessoas – jovens, ou nem tanto – inclusive professores que já haviam abandonado a cadeira da assembleia sindical.

Com esse cenário que caracteriza as mobilizações de massa dos últimos anos, coexiste o sindicalismo docente, cuja construção histórica como forma de associativismo produz o discurso sindical como um daqueles que conformam a experiência da docência. Ainda que seja possível falar em crise do modelo sindical, se apresenta como característica do presente o crescimento das mobilizações grevistas (DIEESE, 2016), dando mostras de que o sindicato continua a principal forma de associativismo docente, e é também acessado pelos jovens professores que abraçam a militância de múltiplas causas e pautas.

Importa considerar que esses jovens professores militantes retornam às suas práticas e saberes, às suas ações cotidianas, levando as suas causas e o *status* de verdade das práticas discursivas da militância como mais um elemento constitutivo da docência, como mais um elemento constitutivo do currículo que praticam.

Dessas inquietações, dentro dos limites desse texto, o interesse recai em apontar as práticas de jovens professores, em sua militância e em sua docência, que nos permitam pensar em uma experiência da docência militante.

Nesse ponto, recorremos a noção de experiência em Foucault, entendida como “a correlação, numa cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade” (FOUCAULT, 2003, p. 10). Entendemos, portanto, a experiência implicada com um modo de ser e de se conduzir.

Ao propormos o uso do conceito foucaultiano de experiência, experimentando-o em uma experiência da docência, afastamo-nos da ideia de experiência relacionada ao corte geracional, a contraposição novato/experiente, assim como da experiência relacionada aos saberes práticos e imediatos dos professores. Assumimos o contorno, tal qual o delimitado por Favacho (2014), onde se estabelece um conceito de experiência que considera o sujeito professor em relação com o outro, com o saber e consigo mesmo. Conceito que, a nosso ver, permite a aproximação dos modos de subjetividades com o campo dos estudos curriculares.

Experimentar as ferramentas de Foucault para a apreensão de uma experiência da docência, implica em considerar que ela foi construída gradativamente ao longo dos tempos, de maneira que diversos discursos são mobilizados para conformá-la. A analítica da experiência visita à docência interessada em compreender como ela é, em elucidar em razão de quais acordos éticos e morais ela se estabelece. A pergunta que fazemos é: como os docentes se vinculam a certas verdades?

Seguindo essa trilha, temos que a experiência da docência militante pode nos permitir entender por que determinadas práticas são praticadas de determinada forma. O campo da experiência nos instiga a apreender a qual substância ética os docentes se ligam para materializá-la. Desse modo, quando falamos de experiência em Foucault, é também importante entender que ela se realiza no campo da ética, entendida como uma relação consigo mesmo. A ética é um modo de autoformação, um modo de ser, um processo de subjetivação. (FOUCAULT, 2010)

Ao traçar os caminhos para como fazer a pesquisa que propomos, somos impelidos a procurar métodos que nos permitam experimentar as ferramentas foucaultianas. Como nos alerta Veiga-Neto (2016), não existe um “método” foucaultiano de pesquisa, mas a exigência de uma vigilância etimológica. Por essa perspectiva, filiamo-nos a uma noção de metodologia que assume contornos que delineiam “certo modo de perguntar, de interrogar, de formular questões e de construir problemas de pesquisa que é articulado a um conjunto de procedimentos de coleta de informações (...) e de estratégias de descrição e análise.” (MEYER; PARAÍSO, 2012, p. 16).

Entre esses modos de articular procedimentos e apontar um certo modo de perguntar, encontramos na netnografia uma possibilidade de responder aos primeiros voos propostos por esse texto. “Essa metodologia consiste na observação dos sujeitos em seu processo de construção de percepções e comportamentos na relação social em rede. Os objetos da pesquisa netnográfica são as conexões e os fluxos produzidos no ciberespaço.” (SALES, 2012, p. 116)

Seguindo os pressupostos da netnografia (MONTARDO; PASSERINO, 2006) – entre eles, o cuidado ético que nos indica o uso exclusivo de postagens públicas – foi a rede social *facebook*, que por meio das conexões e fluxos produzidos no espaço virtual por jovens professores, permitiu a produção de informações para esse texto.

...

O convite é antigo, remete a um último 19 de agosto, às 15h, na “Casa Socialista”, em São Paulo. A página do convite no *facebook* diz “Encontro de professores: o papel dos professores para enfrentar a crise”, evento público, organizado por “Esquerda Diário” e “Movimento Nossa Classe – Educação”. (EVENTOS, 2017).

O primeiro grupo que assina o convite é o jornal *on line* “Esquerda Diário”, que se diz um diário digital da esquerda mundial e atua de maneira independente. É essa publicação que, no mesmo dia 19 de agosto, noticia: “Mais de cem professores lançam movimento ‘Nossa Classe -Educação’”. Esse movimento, em sua página na rede social *facebook*, se define como “Agrupação para unir a categoria, lutar contra a precarização da educação, combater a burocracia sindical e ser linha de frente na luta de classes!”. (MOVIMENTO NOSSA CLASSE-EDUCAÇÃO, 2017)

É um movimento que agrupa professores, não todos, alguns que se unem por seus modos de pensar e agir. É formado por um grande número de jovens professores paulistas, assim como adeptos de outros Estados, que se vinculam ao grupo por meio de publicações no jornal *on line* “Esquerda Diário”.

Rolando os dedos pelo mouse, podemos ler as publicações de apelo militante na página da rede social do “Movimento Nossa Classe - Educação”. Nessa forma de militância que usa intensamente as redes sociais para se agrupar, divulgar suas pautas e suas ideias, encontramos na página da rede social duas jovens professoras paulistas, Marcella e Luciana, que se mostram bastante atuantes em relação às postagens e a condução do movimento, propriamente dito.

Acessamos então suas páginas individuais na rede social, que, tal qual grande mural, publicam o que defendem. Encontramos entre as postagens públicas, dois perfis bastante parecidos: fotografias dos projetos da escola, dos grupos de amigos, *selfies*. Nas autofotografias, grande destaque para as ações da luta, manifestações, passeatas. Chamados e divulgação das agendas, das organizações.

Ao correr os olhos por aquilo que publicam essas jovens professoras, nos perguntamos sobre quais elementos alimentam esse modo de vida, o que as levam a compor o “Movimento Nossa Classe – Educação”, e o que as levam a resistir às formas de organização sindical docente. Em outras palavras, nos interessamos por qual é a experiência que captura essas professoras para uma vida militante. Também podemos perguntar a qual conduta moral se vinculam essas professoras, ao praticarem essa forma de militância. Talvez possamos apostar que no conjunto de suas publicações há um chamado que as convocam à luta e a defesa, uma preocupação ética que diz: eu preciso lutar e defender a educação, os professores, os demais trabalhadores e as minorias, dos ataques, das injustiças e das arbitrariedades.

Se perseguirmos o que é lutar e defender na experiência dessas professoras militantes, desconfiando que, ainda que respondam a uma convocação “lute e defenda” que não é inaugurada pelo tempo presente, ela apresenta no hoje contornos menos definidos do que aqueles que estavam postos nos discursos de classe, que constituíram os primeiros sindicatos, os primeiros militantes classistas. Aliás, falar hoje de luta e defesa, parece apresentar um sopro de inadequação, de pauta vencida... Essas professoras dizem-se antcapitalistas numa sociedade que não quer deixar dúvidas sobre qual lado do muro saiu vencedor. Sobre isso, muitas verdades já foram construídas e são insistentemente ditas.

Mas o que tem nessas jovens professoras que as fazem acionar uma ética que luta e defende, e que possamos considerar “nova”. Não foi isso que sempre fizeram os professores militantes? O que é o novo, afinal? Talvez, como disse Foucault (2014), ele não esteja no dito, mas nos acontecimentos de sua volta. Entre os acontecimentos do presente, parece que há algo que nos dá a sensação de que uma ética do tipo “lute e defenda”, seja ao mesmo tempo tão “nova”, quanto é “velha” a luta de classes, a defesa da educação e dos direitos adquiridos ou requisitados. Lutar e defender, aparece, nos dias atuais, novamente como um chamado novo.

Ao acionar essa ética, essas professoras se submetem a um certo modo de existência, a um estilo de vida. Olhando para as duas professoras nos parece que elas estão sempre dispostas e sujeitas a indignação e a resistência. Indignam-se e resistem aos discursos de ódio, retrógrados, discriminatórios, liberalistas, capitalistas, institucionalizados, localizados na sociedade em geral, nas redes sociais e no próprio sindicato. Se sujeitam a colocarem-se em constante defesa da educação, das minorias, dos assalariados, do respeito a diversidade, convocando à luta como único caminho.

Perguntamos então, o que essas professoras fazem ao serem convocadas a lutar e a defender? Por quais meios praticam sua indignação e resistência? Como elas atingem esse modo de ser militante? Entre aquilo que elas publicam, encontramos práticas como a organização do encontro de professores, escrevem matérias no “Esquerda Diário”. São convocadas e convocam às manifestações, participam de greves, publicam em suas redes sociais. Admitem pautas e defesas multifocais, conclamam a defesa da educação pública de qualidade: contra a escola sem partido, contra a educação religiosa, contra o racionamento de merenda, contra o parcelamento e atraso dos salários dos professores; mas também escolhem um lado, e adotam uma postura de resistência perante questões como a privatização do metrô em São Paulo, o feminicídio, as reforma da previdência e trabalhista em pauta no governo Temer, a patologização da homossexualidade, a PEC que proíbe o aborto em caso de estupro.

Essas professoras também se mostram dispostas a “dar aula na rua”. Para elas, a aula na rua pode ser o espaço que quebra as barreiras dos muros escolares, que aciona como discurso a educação política, que educa na luta e para a luta. Pular o muro da escola se associa a uma educação que não se restringe aos conteúdos prescritos, e traz como pauta de

discussão, e também como currículo, as importantes causas dos movimentos dos professores, questões do trabalho, da educação, mas também políticas e sociais. Dar aula na rua, por outro lado, significa pisar o chão que não é o da escola, é imiscuir-se em múltiplas lutas, é assumir perigos.

E se elas vão dar aula na rua, também vestem a camisa preta que estampa: “Luto pela educação”. Vestem, portanto, um duplo discurso, das camisas dos “enlutados”, que velam o luto por uma promessa de educação pública e de qualidade não cumprida; e da camisa que é verbo, e junto ao pronome escondido, discursa “eu luto”, logo, ajo, milito, peleio e não me ajusto.

Em sala de aula, o currículo que expõem em suas redes sociais traz a marca da militância. Marcella celebra o 20 de novembro com seus alunos, na escola em que trabalha, e posta a foto da palestra do militante Marcello Pablito, fundador do recém-inaugurado “Movimento Quilombo Vermelho”, que traz como slogan a “luta negra anticapitalista”. Na postagem de Luciana, a fotografia mostra seu instrumento de trabalho: o quadro verde, no qual escreve à giz “Os professores e os alunos LGBT não são doentes! Abaixo a liminar da cura gay!”. No título desse post, reforça “Doente é o capitalismo!”.

No uso das redes sociais expõem suas ideias, deixam pistas da substância ética com a qual governam a si mesmas, e também procuram governar os outros. Respondem a um chamado, mas também convocam. Perante as Reformas Trabalhistas e da Previdência, Luciana diz: “Professores! Precisamos organizar nossa luta contra as reformas do governo golpista pela base!”. Convocam à luta organizada pela base, escolas, metroviários, funcionalismo público, associações de bairro...

Mas o que elas querem com essa prática? O que será que elas tomam como mote ao exercer essa docência militante? Podemos desconfiar que elas querem “desajustar”. Não serem dobradas facilmente perante o que orientam os governos, os engendramentos da sociedade capitalista, o avanço conservador presente nos discursos discriminatórios. É uma finalidade do tipo “não se ajusta, quem peleia”: quem luta não está morto, não está vencido, não está ajustado. Elas querem a luta, a peleja, como forma de resistência, de liberdade.

Alguns sobrevoos...

Essa experimentação inicial sobre a experiência da docência militante das professoras Marcella e Luciana, com uso da netnografia na rede social *Facebook*, permitiu olhar para essas professoras e as perceber herdeiras da convocação marxista “uni-vos”, e do discurso insistente “pela defesa da educação pública de qualidade”, voz uníssona nos ditos do sindicalismo docente, assim como recorrente nos documentos curriculares. Permitiu dizer que também são herdeiras do processo em curso, e paulatino, a partir do qual o professor passa a se dizer trabalhador. Como mulheres de seu tempo, dizem-se “trabalhadoras”, reforçam o gênero e o feminismo, unificam suas pautas com as demais categorias e defendem causas multifocais, vão além da luta e da defesa da educação escolar propriamente dita e do mundo do trabalho. Suas multicausas são também currículos.

Se a luta dos sindicatos se localiza na greve, e na defesa dos direitos dos trabalhadores da educação, a luta dessas professoras é multiforme: está nas greves, nas manifestações, nos encontros, nas postagens, no praticado em sala de aula. A defesa é multifocal: da educação, das minorias, dos trabalhadores, da diversidade, do anticapitalismo. São professoras militantes de múltiplas causas e de múltiplas formas. Todavia, assumem riscos. Um dos riscos, talvez, é que estejam silenciadas, perante a interpelação: como praticar o que defendem? Afinal, será que já sabemos como é mesmo que se defende a educação, os trabalhadores, as minorias?

Se recorremos às teorizações de Foucault é porque nosso interesse recai na singularidade da experiência da docência militante, não das pessoas, mas de suas práticas. Novamente, ao interessarmo-nos pelas práticas de jovens professores militantes, admitimos que elas são constituídas por relações de poder e saber, assim como pela ética que leva a um trabalho de transformação dessas docentes. Nos limites do texto, entendemos que nos modos de ser e de se conduzir das jovens professoras, encontramos indícios, voos iniciais, sobre os elementos que podem constituir a experiência de uma docência militante. Nos rastros da militância e do currículo, encontramos um modo de ser interessado em praticar o dito “quem não luta, não educa”. Por esses modos, elas são e se conduzem como professoras militantes. É uma experiência de luta, de combatividade, de resistência, de peleja.

REFERÊNCIAS:

CARDOSO, Adalberto. Dimensões da crise do sindicalismo brasileiro. **Caderno CrH**, Salvador, v. 28, n. 75, p. 493-510, Set./Dez. 2015.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DIEESE. **Balanco das greves de 2016**. Estudos e Pesquisas, São Paulo, n. 84, ago. 2017. Disponível em:

<<https://www.dieese.org.br/balancodasgreves/2016/estPesq84balancogreves2016.html>>

Acesso em: 16 out. 2017.

EVENTOS. **Encontro de professores: O papel dos professores para enfrentar a crise** Evento do Facebook.

Disponível em: <https://www.facebook.com/events/485808765086720/>. Acesso em: 15 de nov. 2017.

FAVACHO, André Márcio. A problematização moral da docência. **Educação em Perspectiva**. Viçosa, v. 5, n. 1, p. 48-71, jan./jun. 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 10ª ed. Edições Graal: RJ, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24 ed. Edições Loyola: SP, 2014.

FOUCAULT, Michel. Resposta a uma questão (1968). In.: FOUCAULT, Michel. **Repensar a política** – ditos e escritos VI. Trad. Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Organização e Seleção de textos Manoel Barros da Mota. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GOHN, Maria da Glória. Vozes que gritam e vozes silenciadas na América Latina. **Civitas**, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 491-509, jul.-set. 2015.

MEYER, Dagmar; PARAÍSO, Marlucy (orgs.). **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Mazza Edições: Belo Horizonte, 2012.

MONTARDO, Sandra Portella; PASSERINO, Liliانا Maria. Estudo dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações. **Novas tecnologias na Educação**, Porto Alegre, v.4, n.2, p.1-10, dez. 2006.

MOVIMENTO NOSSA CLASSE-EDUCAÇÃO. Sobre. Post do Facebook. Disponível em:

https://www.facebook.com/pg/profpbase/about/?ref=page_internal. Acesso em: 15 de nov. 2017.

OTRANO, Célia Regina. Movimento Sindical Docente: História e Crise. **Revista Universidade Rural**, Série Ciências Humanas. Vol 22(2). P. 213-229. Jul/dz. 2000.

SALES, Shirlei Rezende. Etnografia +análise do discurso: articulações metodológicas para pesquisar em Educação. In.: **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Mazza Edições: Belo Horizonte, 2012.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.